

A OBRA “CANTE LÁ QUE EU CANTO CÁ” DO POETA CANCIONEIRO PATATIVA DO ASSARÉ: RELAÇÃO COM AS ESCOLAS LITERÁRIAS

THE WORK "CANTE LÁ QUE EU CANTO CÁ" BY THE POET AND SONGWRITER PATATIVA DO ASSARÉ: ITS RELATIONSHIP WITH LITERARY SCHOOLS

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.063-002>

Luzineide de Sousa dos Santos Vieira

Graduada em Letras (UVA) e em Psicologia (UNILEÃO), Especialista em: Ensino de Língua Portuguesa e Arte-Educação (URCA), Docência do Ensino Superior (UNILEÃO), Saúde Mental (UNILEÃO), Psicologia Hospitalar (FAVENI e Unyleya)

RESUMO

A obra “Cante lá que eu canto cá” (1978), de Patativa do Assaré, é considerada um clássico da literatura popular brasileira. Através de sua voz lírica, Patativa dá voz aos oprimidos do Nordeste. Uma característica importante da obra é a defesa da identidade nordestina, destacando uma dicotomia entre o saber de quem vive na cidade e o de quem vive no campo. Apesar da relevância desta obra, poucos estudos a comparam com as Escolas Literárias brasileiras. Este estudo parte do princípio de que tal comparação permite compreender como esta obra se situa no contexto da literatura brasileira e também permite captar a complexidade da obra de Patativa do Assaré, por ser uma peça altamente representativa de sua produção literária como um todo. Este aspecto constitui o objeto de estudo deste artigo. O objetivo é estabelecer uma comparação da obra "Cante lá que eu canto cá" com as Escolas Literárias brasileiras, situando-a no contexto da literatura brasileira. A pesquisa revelou claras conexões entre as Escolas Literárias e a obra analisada, confirmando, assim, a viabilidade de estabelecer essa comparação e situá-la no âmbito da produção literária brasileira. Observa-se uma convergência entre as características das seguintes Escolas Literárias: Romantismo, Simbolismo, Parnasianismo ou Neoclassicismo e Arcadianismo, além de uma característica genuína: a valorização da liberdade de expressão e de pensamento, valorizando, ao mesmo tempo, aspectos formais. Ademais, Patativa do Assaré valoriza o dialeto rural do Nordeste, em detrimento do formalismo da língua. O presente artigo é resultado da aplicação da metodologia “Análise do Discurso” (AD), adotada por ser um método qualitativo adequado para a análise da linguagem, não apenas em termos de significado, mas sobretudo em relação às ideologias sociais implícitas.

Palavras-chave: Escolas Literárias; Dialeto matuto; Patativa do Assaré; Poesia; Liberdade de expressão.

ABSTRACT

Patativa do Assaré's work "Cante Lá que eu Canto Cá" (1978) is considered a classic of Brazilian popular literature. Through the lyrical voice, Patativa gives voice to the oppressed people of the Northeast. An important feature of the work is its defense of Northeastern identity, exposing a dichotomy between the knowledge of people living in urban areas and those living in the countryside. Despite the relevance of this work, studies comparing it to Brazilian Literary Schools are rare. This study is based on the principle that this relationship allows us to understand how this work is situated within the context of Brazilian literature and also allows us to understand the complexity of Patativa do Assaré's work, since it is a highly representative production of his oeuvre as a whole. This aspect forms the object of study of this article. The objective is to establish a comparison of the work "Cante lá que eu canto cá" with Brazilian Literary Schools, situating this production within the context of Brazilian literature. The investigation revealed evident relationships between the Literary Schools and the work under analysis, thus confirming the possibility of establishing this comparison and situating this work in relation to the Literary Schools in Brazil. An approximation is observed between the characteristics of the following Literary Schools: Romanticism, Symbolism, Parnassianism or Neoclassicism, and Arcadianism, in addition to a genuine characteristic consisting of the valorization of freedom of expression and thought, without excluding the importance that the author gives to rhyme and meter in poetry, even if not fixed. Furthermore, Patativa do Assaré values the rural Northeastern dialect, to the detriment of the formal standard of the language. The article presented here results from the use of Discourse Analysis (DA) methodology, adopted because it is a qualitative method very suitable for the analysis of language, not only in terms of meaning, but above all in relation to implicit social ideologies.

Keywords: Literary Schools; Rural dialect; Patativa do Assaré; Poetry; Freedom of expression.

1 INTRODUÇÃO

Patativa do Assaré expressa em sua obra a subjetividade do sujeito nordestino, destacando especialmente o homem do campo. Sua produção, em “Cante lá que eu canto cá”, é bastante representativa das características de sua obra, motivo pelo qual foi selecionada para a presente pesquisa.

A aproximação comparativa que se faz das Escolas Literárias com a obra em análise permite situar a produção de Patativa do Assaré na literatura brasileira, entretanto, a dificuldade em realizar uma pesquisa bibliográfica que aborde esse aspecto é grande, uma vez que poucos se lançaram a esse intento. Ou seja, apesar dessa relevância, poucos pesquisadores, como Gilmar Carvalho (1999; 2002; 2009), empreenderam esforços para investigar a produção desse grande poeta nordestino, especialmente quando se trata de situar a obra de Patativa no contexto das Escolas Literárias brasileiras.

Nessa perspectiva, a presente investigação reveste-se de relevância, uma vez que contribui para ampliar as pesquisas nesse âmbito, sistematizando um estudo comparativo da obra “Cante lá que eu canto cá” em relação às referidas Escolas Literárias. Adota-se a análise do discurso, metodologia qualitativa que investiga o sentido além da superfície linguística, analisando a construção de significados e ideologias em um contexto histórico-social (Oliveira; Campos; Oliveira, 2022).

Nessa obra, observa-se que o autor celebra a cultura, a identidade, a paisagem, a territorialidade e a sabedoria sertaneja, destacando os saberes populares da vida rural como um conhecimento tão importante quanto o saber acadêmico (Ayla, 2015).

No intuito de alcançar o objetivo aqui delimitado, foi empregada a metodologia da Análise do Discurso (AD), uma vez que esse método permite fazer um estudo significativo da linguagem. Esta pesquisa trata-se de um estudo qualitativo, focado na análise textual da obra “Cante lá que eu canto cá”, visando inferir os sentidos e as ideologias que a obra contempla. Inicialmente, fez-se a seleção da obra literária, observando sua representatividade como produção de Patativa do Assaré. Subsequentemente, realizou-se um fichamento dessa obra, para, em seguida, proceder à análise do discurso. Dessa forma, são analisados trechos da obra que são considerados uma síntese da produção de Patativa como um todo. Nota-se, por essas considerações, que há certa ousadia no intento de compreender uma obra tão vasta e complexa como a de Patativa do Assaré. Entretanto, não se pretende aqui esgotar o tema, mas tão somente ampliar o escopo da pesquisa acerca dessa temática, otimizando a produção acadêmico-científica no que diz respeito a essa temática.

2 O POETA E CANCIONEIRO PATATIVA DO ASSARÉ

A obra de Patativa do Assaré traduz as utopias sertanejas minidimensionadas num “inverno copioso”, na “fartura e abundância”, na “safra boa do algodão” e também inseridas num contexto mais amplo de paz e liberdade, do direito de viver e até concretizadas no “operário liberto” da exploração patronal, na “terra dividida para quem nela trabalha” e no “meu país rico, ditoso e feliz, livre do jugo do estrangeiro” (Assaré, Patativa, 2011, p. 14). O poeta foi batizado com o nome Antônio Gonçalves da Silva, filho de Pedro Gonçalves da Silva e de Maria Pereira da Silva. “Nasci aqui, no Sítio denominado Serra de Santana, que dista três léguas da cidade de Assaré (Assaré, Patativa, 2011, p.15). Patativa era um exímio autodidata, ele mesmo reconhece isso: “Com a idade de 12 anos frequentei uma escola muito atrasada, na qual passei quatro meses, porém sem interromper muito o meu trabalho de agricultor” (apud, 2011, p. 15). Entretanto, apesar de classificar a escola onde estudou como “atrasada”, saiu de lá lendo livros de Felisberto de Carvalho e não frequentou mais escola nenhuma, porém permaneceu lidando com as letras (apud, p.15).

Antônio Gonçalves da Silva viveu de 1909 a 2002. Nasceu dia cinco de março. Segundo filho,

perdeu o pai aos oito anos de idade (apud). Fazia ataque aos preguiçosos que deixavam o mato estragar o roçado. Começou a cantar de improviso aos dezesseis anos, quando comprou uma viola, de modo que esse é o período que começa a se projetar como Patativa do Assaré, cantando suas poesias nas festas populares. Trabalhava com o irmão mais velho para sustentar os irmãos mais novos (apud). Em seus versos, na metapoesia “Aos poetas clássicos”, o eu-lírico identifica-se com o matuto sertanejo:

“Eu nasci aqui no mato
Vivi sempre a trabalhar
Neste meu pobre recato
Eu não pude estudar
No verdô de minha idade
Só tive a felicidade
De dá um pequeno insaio
In dois livros de escrito
O famoso professô
Felisberto de Carvaio” (apud, p. 17).

Poetas niversitários,
Poetas de cademia
De rico vocabularo
Cheio de mitologia
Se a gente canta o que pensa
Eu quero pedir licença
Pois mesmo sem português
Neste livrinho apresento
O prazer e o sofrimento
De um poeta camponês

Poeta niversitário
Poeta de cademia
De rico vocabularo
Cheio de mitologia
Talvez este meu livrinho
Não vá receber carinho
Nem lugio e nem estima
Mas garanto sê fié
E não instruí papé
Com poesia sem rima” (Assaré, 2011, p. 17).

Nessa poesia de dez versos por estrofe, Patativa do Assaré prima pela liberdade de expressão à moda da Escola Literária Romantismo, em sua terceira fase, e do Simbolismo, valorizando a rima e a métrica, sem preciosismo, isto é, sem abrir mão da liberdade de expressão. Como se percebe, os dois últimos versos acima demonstram certa preocupação com a forma, ao modo parnasiano, porém, resguardando sua característica de espontaneidade e liberdade de expressão. O poeta também apresenta nessa poesia um forte tom de denúncia social. Ao longo da décima, sete sílabas métricas. Analisa-se este outro trecho:

“No rompê de tua orora
Meu sertão do Ciará
Quando escuto as voz sonora
Do sadoso sabiá
Do canaro e da campina
Sinto das graças divina
O seu imenso pudê
E com muita razão vejo
Que a gente sê sertanejo
É um dos maió prazê”.
Nestes versos, nota-se uma semelhança com a poesia “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias:
“Minha terra tem palmeiras Onde canta o sabiá
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá” (Dias, Gonçalves, 1846).

Nota-se também a intertextualidade nos dois últimos versos de Patativa (Assaré, 2011, p. 21). Igualmente ocorre em “Dois quadros”.

Destaca-se que, na primeira geração do Romantismo no Brasil, Gonçalves Dias expressa a nostalgia em relação à terra natal, quando estava no exílio em Portugal. O autor, tal qual Patativa do Assaré, idealiza a natureza de sua terra. Portanto, de modo geral, Patativa, o poeta popular, apresenta certa preocupação com a forma, mas sobrevalorizando a liberdade de expressão e a denúncia social. Sua linguagem direta e realista, aproxima-o também do Realismo-Naturalismo.

Na décima de Patativa em análise, os versos são heptassílabos, ou seja, redondilha maior, cuja rima recai na oitava sílaba métrica, com rima entre o primeiro com o terceiro verso, o segundo com o quarto, o quinto com o sexto, o sétimo com o nono e o oitavo com o décimo, como em:

“Sertão arguém te cantô
Eu sempre tenho cantado
E ainda cantando tô,
Pruquê meu sertão amado
Munto te prezo, te quero
E vejo que os teus mistéro
Ninguém sabe decifrá
A tua beleza é tanta
Que o poeta canta, canta
E inda fica o qui cantá” (apud, p.21).

Passa-se a analisar outro trecho:

“Poetas niversitário
Poetas de cademia
De rico vocabuláro
Cheio de mitologia
Se a gente canta o que pensa
Eu quero pedir licença
Pois mesmo sem português
Neste livrinho apresento
O prazer e o sofrimento
De um poeta camponês
Poeta niversitário
Poeta de cademia
De rico vocabularo
Cheio de mitologia
Talvez, este meu livrinho
Não vá receber carinho
Nem lugio e nem estima
Mas garanto sê fié
E não instruir papé
Com poesia sem rima” (apud, p. 17).

Nestes últimos dois versos, o autor considera que escrever poesia sem rima significa “estruir papel”, ficando demonstrada sua preocupação com um dos aspectos formais da poesia. Essa preocupação com a forma ocorre no Parnasianismo.

Nesses versos, o eu-lírico, o matuto sertanejo, prima pela liberdade de expressão mais uma vez, em detrimento da preocupação até mesmo com a língua portuguesa formal. Por isso, pede licença para permitir o uso da linguagem natural, informal. Justifica por ser “como um matuto atrasado”, que deixa a língua oficial de lado, “para quem a língua aprendeu”, pois ele quer “contar a história” com “a língua que Deus deu”, isto é, natural e informal, buscando sempre a expressão genuína.

O poeta também apresenta um forte tom de denúncia social, como demonstrado quando ele afirma as diferenças de classe e a dificuldade da classe pobre em escrever a língua portuguesa formal. Ao longo dessa décima de quatro estrofes, onze sílabas métricas, ele coloca a rima entre o segundo e o quarto verso. O eu-lírico canta, portanto, a justiça social, a nostalgia, a idealização de sua terra natal, como na estrofe:

“No rompê de tua arora
Meu sertão do Ceará
Quando escuto a voz sonora
Do sadoso sabiá
Do canaro e da campina
Que sinto das graças divina
O seu imenso pudê
E com muita razão vejo
Que a gente sê sertanejo
É um dos maior prazer” (Assaré, 2011, p. 55).

Em “graças divina” e em “é um dos maior prazer ” Patativa não realiza a concordância conforme a língua padrão formal, porém infere-se, uma concordância de gênero, uma vez que “graças”, no plural, vem

antecedida do artigo “as” (plural). Já em “dos maior prazer” o adjetivo “maiores” vem antecedido do artigo “os”, sem prejuízo para inferir a correção gramatical. A essa ocorrência Marcos Bagno considera que não há incorreção, uma vez que subentende-se o plural e não há prejuízo para a comunicação. Nestes versos, nota-se também uma semelhança com “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, nos dois últimos versos:

“Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá” (Dias, 1846, p.55)

Nota-se também a intertextualidade com Gonçalves Dias nos dois últimos versos de “Canção do Exílio” (apud, p.55). Igualmente ocorre em “Dois quadros”; nesses versos nota-se a semelhança com “Canção do Exílio” mais uma vez (apud, 1843):

“Minha terra tem palmeiras Onde canta o sabiá
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá” (apud, p. 55).

Nesse caso, destaca-se a nostalgia de Gonçalves Dias, que se encanta com a natureza e dela sente saudade. Essa nostalgia justifica-se por ele estar no exílio, em Portugal, portanto distante da terra, o que o faz se sentir nostálgico.

Portanto, de modo geral, Patativa do Assaré, o poeta popular, apresenta preocupação com a forma, mas sobrevalorizando a liberdade de expressão e a denúncia social.

Na décima de Patativa do Assaré, os versos são heptassílabos, ou seja, redondilha maior, cuja rima recai na oitava sílaba métrica, apresentando rima entre o primeiro e o terceiro verso, o segundo com o quarto, o quinto com o sexto, o sétimo com o nono e o oitavo com o décimo, isto é, os pares de rima são formados entre números de rima par com par e ímpar com ímpar, como em:

“Sertão arguém te cantô
Eu sempre tenho cantado
E ainda cantado tô
Pruquê, meu sertão amado,
Muito te prezo, te quero
E vejo que os teu mistéro
Ninguém sabe decifrá
A tua beleza é tanta
Que o poeta canta, canta
E inda fica o que cantá” (apud, p. 21).

Também rima o sétimo com o décimo verso e o oitavo com o nono, apontando para as rimas não fixas, em nome da genuidade e liberdade de expressão e pensamento (apud, p. 21).

Na poesia “A Triste Partida”, cantada e gravada por Luiz Gonzaga, observa-se a valorização da vida no campo, em detrimento do viver na cidade, apresentando certo desencanto com a vida urbana e encanto com a rural, à semelhança do que ocorre no Arcadismo ou Neoclassicismo. Essa poesia apresenta as características de rima e métrica, mas também sem sacrificar a liberdade de expressão e pensamento. São versos livres e não-brancos, uma característica genuinamente moldada na obra de Patativa. Portanto, percebem-se características das seguintes Escolas Literárias: Romantismo, Simbolismo e Parnasianismo, além de uma característica genuína: a valorização da liberdade de expressão e de pensamento, mas com rima e métrica, ainda que não fixas. (Cândido, 2007; Carvalhan, 2006). Enfatiza-se o teor social dessa poesia cantada por Luiz Gonzaga, em que se expressa o drama dos retirantes da seca, sua identidade e luta pela sobrevivência, sua conformidade às condições impostas pela seca. Nota-se, portanto, uma forte denúncia social.

Na poesia “A Escrava do Dinheiro” Assaré satiriza a mulher gananciosa, apresentando, assim, um dos aspectos de seus valores morais. Senão, analisemos:

“Boa noite home e menino E muié deste lugar,
Quero que me dê licença Para uma história contar Como matuto atrasado
Eu deixo as língua de lado
Para quem a língua aprendeu
Eu quero a licença agora
Mode eu conta minha histora
Com a língua que Deus me deu” (apud, p.21)

Em: “Eu deixo as língua de lado”, mais uma vez o poeta apresenta o mesmo padrão de marcar o plural com o artigo plural “as”, mantendo o substantivo “língua” no singular.

Nesses versos o eu-lírico, o matuto sertanejo, prima pela liberdade de expressão mais uma vez, em detrimento da preocupação com o padrão da língua portuguesa formal. Em “Quero que me dê licença”, quando pede licença para permitir uma expressão na língua natural, indica que escrever o português formal é uma opção de estilo, uma licença poética, a fim de encarnar o eu-lírico matuto, “Como um matuto atrasado” (spud, p.). Ele deixa a língua formal “para quem a língua aprendeu”, pois quer contar a história com a língua que Deus lhe deu, isto é, a língua informal, buscando a expressão genuína (Carvalho, 2009; Debs, 2000).

Considera-se que na poesia “A Triste Partida”, canção gravada pelo rei do baião Luiz Gonzaga, apresenta as características de rima e métrica, sem, contudo, sacrificar a liberdade de expressão e pensamento, aspecto verificado em toda a sua obra. Tratam-se de versos não-brancos, revelando uma característica genuinamente patativana.

Destaca-se, ainda, com Marcos Bagno (1999) que o preconceito linguístico, muitas vezes disseminado ao fazerem análise da obra de Patativa, trata-se, antes de tudo, de um preconceito social.

Considera-se que as licenças poéticas na literatura são adequadas aos gêneros textuais literários, enriquecendo a obra, ao invés de embobecê-la. Desse modo, entende-se que, uma vez acontecendo a comunicação nos mais diversos espaços sociais e seus gêneros, resulta adequada a linguagem, seletivamente empregada.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise do presente artigo, depreendem-se várias semelhanças entre a obra “Cante lá que eu canto cá” e as seguintes Escolas Literárias: Romantismo, terceira fase, Simbolismo, Arcadismo (Neoclassicismo) e Parnasianismo. Por outro lado, destaca-se a grande importância conferida à liberdade de expressão, ainda que prime pela métrica e pela rima, deixando de lado a língua portuguesa padrão, em nome da espontaneidade e genuinidade do eu-lírico, ao usar o dialeto matuto sertanejo (Azevedo, 1997).

O poeta em análise traduz a subjetividade do eu-lírico matuto sertanejo, valorizando sua identidade, territorialidade e o saber popular, em detrimento de outros modos de ser. Nota-se uma ênfase na idealização da terra natal e a denúncia social. Não “acha graça” em poesia sem rima; valoriza a rima e a métrica como constitutivos fundamentais à poesia tal qual o Parnasianismo.

Patativa se inspira no homem do campo e na natureza, descrevendo a resignação nordestina, a idealização da natureza, a nostalgia, a sátira e a denúncia social. Sua produção expressa o que há de mais puro, genuíno e legítimo no homem camponês, trazendo uma ênfase no bucolismo e o “fugere urbem” (fuga da cidade), como faz o Arcadismo.

Rico em licenças poéticas, Patativa se utiliza desse recurso em nome da espontaneidade, da linguagem sem rodeios, direta. Assim, desfigura a língua padrão para recriá-la como dialeto que o próprio poeta qualifica de linguagem cabocla, conferindo originalidade à obra. Nota-se também o dualismo “cidade versus campo”, “pessoas da vida urbana” versus “pessoas do universo rural”, destacando a identidade do homem do campo, seu direito à terra onde trabalha e a idealização da natureza nordestina.

Considera-se, finalmente, que, ao aproximar a obra patativana em questão das Escolas Literárias, percebe-se a complexidade da obra de Patativa, que apresenta diversas características das seguintes Escolas Literárias brasileiras: Romantismo (terceira fase), Simbolismo, Arcadismo (Neoclassicismo) e Parnasianismo. Não obstante as semelhanças, Patativa resguarda sua peculiaridade: linguagem popular, configurada no dialeto matuto nordestino, valorização da rima e da métrica.

Outrossim, enfatiza-se que o poeta traduz com primazia a alma nordestina, valorizando sua identidade e seus saberes, favorecendo uma análise antropológica e psicológica do sertanejo, conforme discutido neste trabalho de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá: Filosofia de um trovador nordestino**. 16. Ed. São Paulo: Vozes, 2011.
- AYALA, Maria Ignez Novais. **Saberes Tradicionais em Palavra, Som e Imagem**. São Paulo: Ática, 2015.
- ANDRADE, M. de. **Aspectos da Literatura Brasileira**. 6. Ed. São Paulo: Martins, 1978.
- DIAS, Gonçalves. Canção do Exílio. In: *Primeiros Cantos*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1846. p. 55)
- AZEVEDO, S. de. **Para uma teoria do verso**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1997.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: edições Loyola, 1999.
- CÂNDIDDO, A. **Iniciação à Literatura Brasileira**. 5ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.
- CARVALHAN, L. T. F.. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 2006.
- CARVALHO, Francisco Gilmar Cavalcante de. **Patativa do Assaré: poesia, profecia e performance**. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 30, n.1/2, 1999, p. 28-36.
- CARVALHO, G.. **Patativa do Assaré: Pássaro Liberto**, 2002. CARVALHO, G. “Cem Patativa”. Fortaleza: OMNI Ed., 2009.
- DEBS, S. (Org.). **Patativa do Assaré: Uma voz do Nordeste**. São Paulo: Hedra, 2000.
- OLIVEIRA, Célia Zeri; CAMPOS, Jailma Bulhões; OLIVEIRA, Márcia Andreia Almeida. **A Análise do Discurso: Uma abordagem teórico metodológica em Pesquisa de Formação Docente**. In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação. V.31. n. 03, p. 41-67. Set/ dez, 2022.